

Aspectos do turismo mundial, situação e perspectivas desta atividade no Brasil

Wilson Abrahão Rabahy¹

Resumo

O trabalho se propõe a discutir a importância e os impactos que as atividades do turismo exercem na economia, destacando os aspectos de emprego, divisas, renda e distribuição regional. A partir desse entendimento, procura examinar a evolução dos mercados do turismo mundial, tanto em relação aos seus principais centros emissores, quanto aos receptores, suas tendências e perspectivas. No que tange aos mercados receptivos - uma análise comparada em uma visão de dez anos de prazo - são verificadas graduais tendências de expansão das distâncias médias das viagens, perspectivas que favorecem os novos destinos, em que se inclui o Brasil. Nesse contexto são, então, analisadas as características do turismo internacional no Brasil, evolução, composição e tendências, levando-se em conta as interveniências de fatores exógenos - atentados terroristas e catástrofes naturais -, bem como de fatores internos brasileiros - taxas de câmbio, crescimento da economia, investimentos nas atividades de turismo e de suporte, inclusive de segurança.

Palavras-Chave: turismo, impactos, evolução no Brasil e mundo, perspectivas.

Abstract

This paper aims to discuss the importance and impacts of tourism activities on economy, highlighting aspects such as employment, income and its distribution. Through this understanding, the evolution of markets on world tourism is analyzed focusing on the main outbound and inbound centers as well as perspectives and tendencies.

Concerning incoming markets, a comparative analysis in ten years vision, it is verified a tendency of expansion on average distance covered, favoring new tourist destinations in which Brazil is included.

In this context, the characteristics, evolution, composition and trends of international tourism in Brazil are analyzed taking into account the intervenience of exogenous factors such as terrorists attacks and natural disasters, as well as internal factors such as exchange rates, economy growth, investment on tourism activities and support, including safety.

Keywords: tourism, impacts, evolution in Brazil and worldwide, perspectives.

¹ Economista Professor Doutor Titular da ECA/USP e Pesquisador Senior da FIPE/USP. Email: rabahy@usp.br; Endereço: Avenida Corifeu de Azevedo Marques, 5.677 - São Paulo - SP - CEP 05339-005

1. Introdução

O turismo tem-se revelado uma atividade de muito significado no crescimento de algumas economias no mundo, contribuindo, em alguns casos, com mais de 30% de seu respectivo PIB — Produto Interno Bruto. Dados da OMT — Organização Mundial do Turismo — e do Banco Mundial indicam que as receitas com as atividades do turismo contribuem com 87,7% do PIB de Maldivas; 47,7% de Antigua e Barbuda; 45,2% de Ilhas Virgens; 35,4% de Bahamas; 32,5% de Barbados; entre outros.

Para assegurar um crescimento sustentado do turismo e minimização de seus custos, torna-se imprescindível que se cuide do planejamento das ações. A consecução dos objetivos esperados por esta atividade, tanto econômicos, como sociais, culturais e de preservação do meio ambiente, dependem de um adequado processo de planejamento. Esse processo implica vincular aspectos relacionados com a oferta, a demanda e todos os demais subsistemas turísticos, em concordância com as orientações do resto dos sistemas do país. Assim, o processo de planejamento passa por um sistema composto por três elementos: a informação, a decisão e a ação. Além disso, o planejamento turístico compreende diversas etapas, resumidamente traduzidas em: diagnóstico, prognóstico, estabelecimento de objetivos e metas, estratégias de ação, recursos necessários; programas e instrumentos de ação, projetos e acompanhamento dos resultados. Entre as etapas que compõem o planejamento do turismo no País, destacam-se a análise do panorama do turismo internacional no mundo, a caracterização do turismo internacional no Brasil e a análise de impactos socioeconômicos, culturais e ambientais desta atividade.

2. Alguns dos impactos do turismo

O turismo devidamente planejado e integrante de um projeto de desenvolvimento do País contribui principalmente sobre a melhoria no nível de emprego, na distribuição regional de renda e na geração de divisas.

2.1. Emprego

Por se tratar de uma atividade basicamente prestadora de serviços, caracteriza-se naturalmente como um setor intensivo em mão-de-obra, com a vantagem de requerer pessoal de amplo espectro de qualificação, até mesmo daqueles de menor nível de escolaridade. Assim também merece destaque a diversidade de ocupações requeridas pelo turismo não só em atividades específicas, mas em função dos efeitos em cadeia que provoca em outros setores da economia.

No caso do segmento hoteleiro, por exemplo, tem-se uma ampla gama de atividades de ocupação, distribuídas em diferentes áreas de atuação — recepção, governança, restaurante, cozinha e administração —, em número variável, em função do tamanho e da classificação do empreendimento.

Dados da OMT indicam que o turismo responde por 6% do emprego total no mundo. No Brasil, segundo pesquisa FIPE/Embratur, contabilizou-se, em 1999, a geração de 1,63

milhão de empregos diretos e outros 0,75 milhão indireto, totalizando cerca de 2,4 milhões de pessoas formalmente empregadas nesta atividade, ou seja, o equivalente a 3,3% da PEA - População Economicamente Ativa - empregada no País.

2.2. Gerador de divisas

O segundo fator a ser destacado é a potencialidade do turismo como gerador de divisas. A título de ilustração, a Tabela 1 e o Gráfico 1 apresentam os resultados da Conta “viagens internacionais” do Banco Central, a qual integra o balanço de pagamentos e aponta o fluxo turístico de chegadas e saídas em divisas, revelando se o Brasil está superavitário ou deficitário com relação ao resto do mundo. O balanço de pagamentos do Banco Central divide-se, ainda, em duas partes: conta capital e financeira e transações correntes, que se compõe de balança comercial, renda, transferências unilaterais correntes e serviços, de que faz parte a Conta “viagens internacionais”.

Tabela 1

Evolução da Conta "Viagens Internacionais" no Brasil - 1995/2006

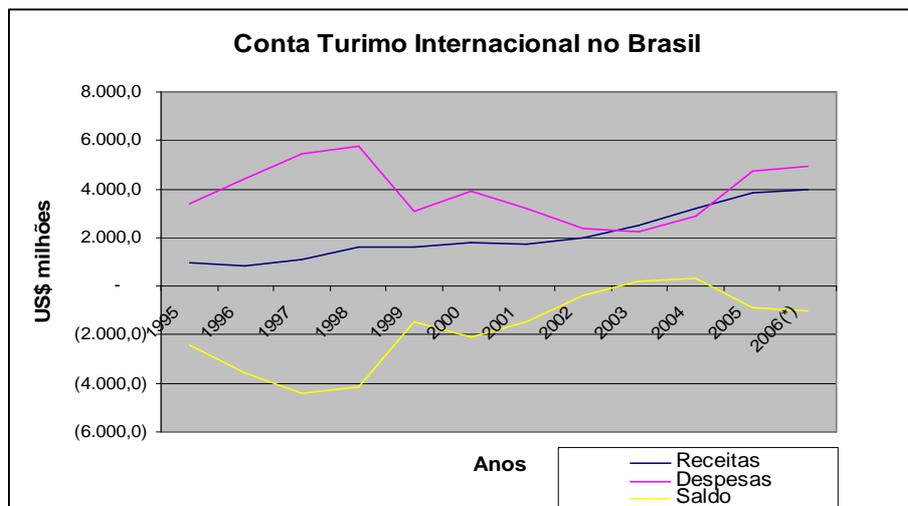
Anos	Receitas	Despesas	Saldo
1995	971,6	3.391,3	-2.419,7
1996	839,8	4.438,3	-3.598,5
1997	1.069,0	5.445,8	-4.376,9
1998	1.585,7	5.731,7	-4.146,1
1999	1.628,2	3.085,3	-1.457,1
2000	1.809,9	3.894,1	-2.084,2
2001	1.730,6	3.198,6	-1.468,0
2002	1.998,0	2.395,8	-397,8
2003	2.478,7	2.261,1	217,6
2004	3.222,1	2.871,3	350,8
2005	3.861,4	4.719,9	-858,4
2006(*)	3.955,9	4.945,1	-989,2

(*) Período abr/05 a mar/06

Fonte: Banco Central do Brasil

Os resultados da Conta “turismo” do Banco Central demonstram que, após a flexibilização, da taxa cambial, em inícios de 1999, já se verificava uma reversão da tendência de aceleração da geração de déficits no saldo de divisas dessa Conta, a exemplo do que ocorrera com a balança comercial. Depois de meados de 2003, analisando os resultados, obtiveram-se saldos positivos, o que não se observava há mais de dez anos.

Gráfico 1



Fonte: Banco Central do Brasil

A tendência mais favorável, em termos de saldo de divisas da Conta “Turismo” no curto período de 2003 e 2004, decorre muito mais da redução de gastos, do que do aumento de receitas. Após janeiro de 1999, com a mudança do câmbio e uma certa diminuição no ritmo de crescimento da economia brasileira, verificou-se maior resistência à saída de brasileiros, reduzindo-se os gastos de divisas com viagens internacionais.

Quanto à resposta relativamente menos importante das receitas turísticas, deve-se à característica de composição do mercado emissor de turistas internacionais do Brasil: historicamente, cerca de 60% do fluxo de turistas estrangeiros no Brasil são originários de países de fronteira — particularmente da Argentina, do Uruguai e do Paraguai — e de outros da América do Sul. Nesse período, tais países, particularmente a Argentina, passavam por um momento de crise econômica, restringindo, portanto, o volume de gastos com viagens ao exterior.

De outra parte, para os turistas que provinham de outros continentes, a decisão de viajar ao Brasil não foi significativamente afetada pela mudança de câmbio brasileira, o que também não resultou em aumento de receitas do turismo brasileiro.

Dados estatísticos da OMT apontam que o Brasil responde por menos de 1% do mercado mundial, o que demonstra a enorme potencialidade de mercado a conquistar pelo País. A margem para a ampliação dessa participação existe; é preciso, porém, que se inclua o turismo em uma das áreas estratégicas de desenvolvimento do País, de modo a ampliar sua capacidade de captação de maiores parcelas dos fluxos mundiais, a médio e longo prazos.

2.3. Distribuição regional da renda

Quanto ao terceiro fator de impacto do turismo — a melhoria de distribuição regional de renda —, pode-se obter uma indicação de sua verificação, no caso brasileiro, a partir dos resultados da pesquisa da FIPE/USP — “Caracterização e dimensionamento do turismo

doméstico no Brasil”. Nesse estudo, verifica-se que a região Sudeste, a mais desenvolvida do País, responde por quase 54% das despesas totais com o turismo doméstico no Brasil e absorve apenas 41% das receitas geradas. Por seu lado, beneficia-se o Nordeste com 36% da receita gerada e contribui com apenas 14% dos gastos, revelando que arrecada mais que o dobro do que gasta, com um coeficiente receita/despesa igual a 2,6. Esse resultado caracteriza o Nordeste como região exportadora” de turismo, enquanto o Sudeste, com coeficiente igual a 0,8, identifica-se como “importador” desse serviço (Tabela 2).

Tabela 2

Participação das Regiões nas Despesas e nas Receitas do Turismo Doméstico no Brasil			
REGIÕES	Despesa (%)	Receita (%)	Relação Rec./Desp.
Norte	9,9	4,9	0,49
Nordeste	13,5	35,5	2,63
Sudeste	54,0	40,8	0,76
C. Oeste	11,2	5,6	0,50
Sul	11,4	13,2	1,16
TOTAL	100,0	100,0	1,00

Fonte: FIPE/USP, 2001/02.

Conforme observado, o turismo apresenta-se como instrumento de minimização dos problemas sociais de determinado local, desde que devidamente planejado. As contribuições do turismo também se encontram distribuídas no mundo, de modo que a análise do panorama do turismo internacional oferece elementos que caracterizam essa condição, bem como auxilia na verificação de perspectivas e tendências.

3. Panorama do turismo internacional no mundo

O turismo internacional no mundo apresenta-se como uma atividade em crescimento, em função de um conjunto de elementos favoráveis que influenciam o desempenho, como o aumento da renda dos indivíduos, as conquistas sociais e trabalhistas, a evolução tecnológica, particularmente em relação aos meios de transportes, o aumento do tempo livre, a aceleração do processo de globalização. Caracterizar o turismo internacional, fluxos e tendências, constitui-se em importante elemento de informação para os países que buscam inserir o turismo em suas áreas prioritárias de ação estratégica para o desenvolvimento.

3.1. Evolução do turismo mundial

O turismo é uma atividade bastante promissora e com possibilidades de expandir-se e atingir taxas relativamente mais crescentes do que a média dos setores da economia. Analisado sob o prisma do médio prazo, coloca-se entre os cinco principais itens geradores de divisas na economia mundial, liderados pelas exportações de armamentos e de petróleo.

Mesmo após as recentes crises econômicas (1994, 1997, 1999 e set. 2001), o turismo mundial vem registrando taxas de crescimento de receita da ordem de 6 % ao ano (período 1990/2004).

Os dados da Tabela 3, ilustrados no Gráfico 2, descrevem a evolução do turismo internacional, em número de chegadas e em valores arrecadados, em confronto com as receitas totais das exportações mundiais, nos anos de 1990 a 2004.

Na maior parte desse período, as taxas anuais médias de crescimento das receitas do turismo equivalem às das exportações, exceto nos anos mais recentes em que as exportações registram taxas superiores de crescimento. Assim, enquanto as receitas das exportações crescem a uma taxa geométrica média de 7% ao ano, as receitas do turismo registram taxas de 6% ao ano, inferior, portanto, a um ponto percentual ao ano, basicamente devido aos anos de 2002 a 2004, quando as exportações registraram taxas 10% maiores do que o turismo.

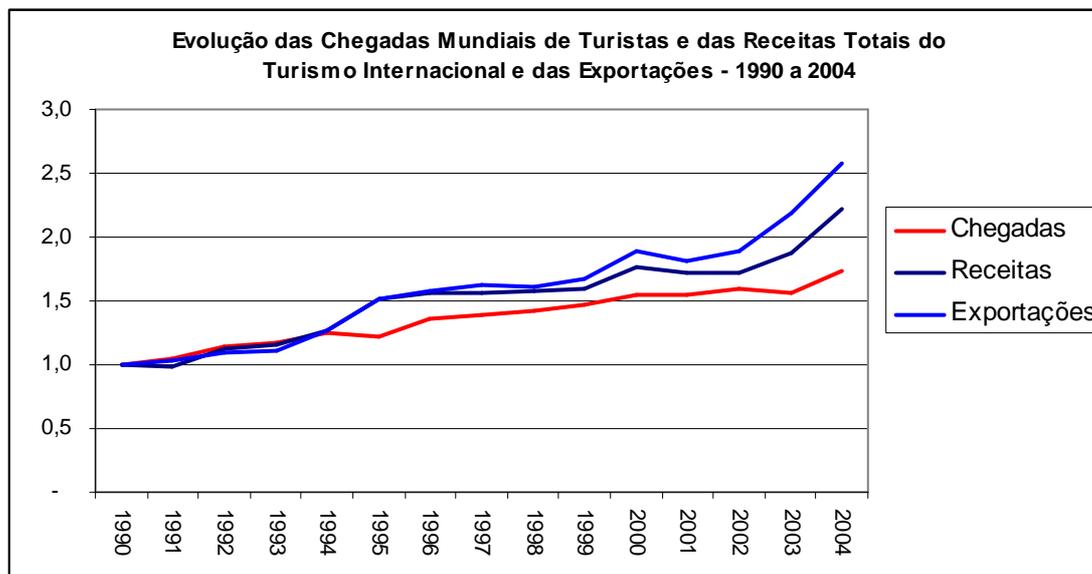
Tal fato fica evidenciado pela decrescente participação do turismo no valor arrecadado pelas exportações: involuiu de 8,1% em 1998 para 7% em 2004, ainda assim superior ao nível de 5%, verificado em décadas anteriores.

Tabela 3

Chegadas e Receitas do Turismo e Exportações Mundiais – 1990/2004				
Anos	Chegadas (milhões)	Receitas (US\$ Bilhões)	Exportações (US\$ Bilhões)	Tur./Export. (%)
1990	441,0	280,0	3.423,4	8,2%
1991	464,0	277,6	3.515,0	7,9%
1992	503,4	315,1	3.766,0	8,4%
1993	519,0	324,1	3.777,0	8,6%
1994	550,5	354,0	4.326,0	8,2%
1995	538,0	423,0	5.162,0	8,2%
1996	596,5	435,6	5.391,0	8,1%
1997	610,8	436,0	5.577,0	7,8%
1998	626,6	442,5	5.496,0	8,1%
1999	650,2	445,0	5.708,0	7,8%
2000	681,0	496,0	6.446,0	7,7%
2001	680,0	482,0	6.197,0	7,8%
2002	700,0	482,0	6.481,0	7,4%
2003	690,0	524,0	7.503,0	7,0%
2004	763,0	623,0	8.800,0	7,1%

Fontes: OMT, FMI e WTO

Gráfico 2



Fonte: OMT, FMI e WTO

Convém salientar que as performances, tanto das exportações como das do turismo, não são regulares ao longo de todo o período. Acontecimentos sociais, políticos e econômicos afetam o desempenho das atividades econômicas, assim como das do Turismo. Além disso, os dados apresentados estão a preços correntes; contendo, portanto, uma componente inflacionária refletida pela cotação do dólar. Em valores constantes, arrecadações, exportações e turismo internacional apresentam taxas de crescimento mais módicas, da ordem de 3% a.a.

Por sua vez, as chegadas de turistas internacionais, no período de 1990 a 2004, evoluem a taxas anuais de 4% a.a., sugerindo um crescimento relativamente maior do “turismo de massa” (*“high volume of low-spending tourists”*). Esses resultados indicam que houve uma redução do fluxo turístico de maiores níveis de gastos em favor da expansão do turismo de menor gasto relativo. O número de chegadas é a variável que apresenta as menores flutuações quanto às variações anuais, e a menos sujeita às flutuações dos preços na economia. Essas constatações reforçam o entendimento de que as receitas das viagens são mais sensíveis às mudanças econômicas do que o número de chegadas, conforme atestam os resultados registrados pelos dois indicadores.

As influências de fatores de diversas naturezas na economia e no turismo estão especificadas no Gráfico 3, que apresenta as taxas médias anuais de crescimento da chegada de turistas, por quinquênio, relacionando-as com alguns acontecimentos econômicos, sociais ou políticos.

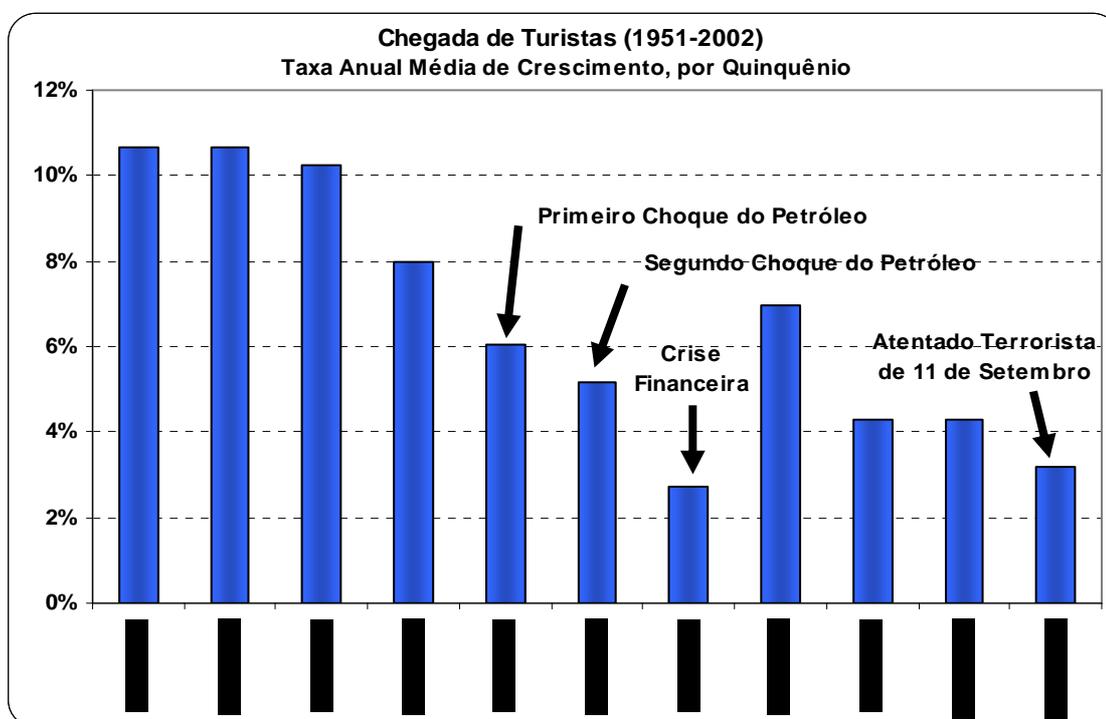
Nas décadas de 1970/1980, destacam-se três acontecimentos mundiais: a primeira e a segunda crise do petróleo, respectivamente em 1974/1975 e em 1979, em decorrência das quais o crescimento da economia dos países industrializados reduziu-se de 5% a.a. (1960/1973) para algo como 1% a.a. após a segunda crise do petróleo; e a crise financeira internacional (1981/1983), deflagrada pelo aumento substancial das taxas de juros, resultando num acentuado declínio do PIB para -0,2% a.a., em 1982, nos países

industrializados. Uma outra fase de declínio das chegadas de turistas, das receitas turísticas e das exportações se dá, após a década de 1990, com a Guerra do Golfo. No início dessa década, as chegadas de turistas, que se situava no patamar de 6% ao ano em 1986/1990, reduzem-se para 4% a.a, mantendo-se nesse nível na segunda metade dos anos noventa. Além da Guerra do Golfo, ocorreram outros fatos relevantes que afetaram as economias dos países, as relações comerciais e o turismo.

Relacionam-se a seguir alguns desses acontecimentos: Tratado de Maastricht e dissolução da URSS (1991); conflito Bósnia-Herzegovina (1992); divisão da Tchecoslováquia (1993); crise financeira do México, resultando no chamado efeito “Tequila”, com impactos nas economias dos países emergentes, particularmente na Argentina e no Brasil (1994); crise financeira na Ásia, nos chamados “tigres asiáticos (1997); incursão dos Estados Unidos e do Reino Unido contra o Iraque, denominada operação “Raposa do Deserto” (1998); crise financeira dos países emergentes da América do Sul (1999); além da suspensão por parte de Israel das negociações de paz com os palestinos e reaquecimento da crise na região (2000).

Já no início deste século tem-se: as ações terroristas de 11 de setembro (2001); a derrubada do governo de Sadam Hussein (2003); e os movimentos terroristas que se intensificaram em algumas partes do mundo, destacando-se o atentado de Madrid (2004), entre outros acontecimentos de natureza social, política e econômica de âmbito internacional e intranacional, que também repercutiram, em maior ou menor grau, nos resultados das atividades turísticas.

Gráfico 3



Fonte: OMT e Almanaque Abril 2005.

3.2 Principais mercados e características socioeconômicas

A análise dos resultados da evolução do turismo mundial revela a sua estreita relação com o desempenho da economia como um todo. O turismo, a par de suas condições peculiares, é uma atividade econômica que está intimamente relacionada com a renda e outros fatores de natureza socioeconômica, característica que se evidencia quando se analisa a composição dos principais países emissores e receptores do turismo mundial.

O número de viagens internacionais realizadas em todo mundo cresceu consideravelmente nos últimos 50 anos. De fato, segundo dados da OMT - Organização Mundial do Turismo -, o número de chegadas mundiais atingiu, em 2002, o nível de 700 milhões de visitas internacionais, o que corresponde a uma variação, em 23 anos (ou seja, em relação a 1980), de 2,5 vezes. Por sua vez, as receitas deflacionadas do turismo, portanto, em termos reais, cresceu no período 1,4 vez, correspondendo a um crescimento de 1,6 % a.a. Convém ressaltar, contudo, que, mesmo havendo um significativo crescimento no número de viagens a partir da metade do século XX, isso se processou de modo assimétrico entre os países.

3.2.1- Principais países emissores e receptores do turismo mundial

Tanto em relação ao emissor, quanto ao receptor, verifica-se uma situação de concentração dos resultados do turismo no mundo. No que se refere ao emissor, alguns poucos países, basicamente países com alto nível de renda, respondem pela maioria dos turistas em viagem. Segundo dados da OMT, mais de 50% do turismo emissor internacional, medido pelo número de chegadas, e 55%, em valor de gastos, são formados por apenas dez países. Dados do emissor e do receptor do turismo internacional, em número de turistas, encontram-se descritos na Tabela 4.

Tabela 4

Principais Emissivos e Receptivos Mundiais de Turistas –1999						
Países	Emissivo (em 1.000)	(%)	(%) Acum.	Receptivo (em 1.000)	(%)	(%) Acum.
EUA	68.393	10,5%	10,5%	48.491	7,5%	7,5%
Alemanha	80.212	12,3%	22,9%	17.116	2,6%	10,1%
Japão	23.789	3,7%	26,5%	4.438	0,7%	10,8%
R. Unido	51.349	7,9%	34,4%	25.740	4,0%	14,7%
França	24.526	3,8%	38,2%	73.042	11,2%	26,0%
Itália	19.419	3,0%	41,2%	36.097	5,6%	31,5%
Holanda	26.681	4,1%	45,3%	9.881	1,5%	33,0%
Canadá	19.650	3,0%	48,3%	19.411	3,0%	36,0%
China	8.252	1,3%	49,6%	27.047	4,2%	40,2%
Áustria	6.535	1,0%	50,6%	17.467	2,7%	42,9%
Bélgica*	13.189	2,0%	52,6%	6.369	1,0%	43,8%
Suécia	6.748	1,0%	53,6%	2.595	0,4%	44,2%
Hong Kong	56.408	8,7%	62,3%	11.328	1,7%	46,0%
Outros	245.049	37,7%	100,0%	351.178	54,0%	100,0%
Total	650.200	100,0%	-	650.200	100,0%	-

Fonte: OMT

Do mesmo modo, no que se refere ao receptivo verifica-se uma excessiva concentração do fluxo. Os mesmos primeiros dez países emissores respondem por mais de 40% do total, nas duas formas de medida; e, em apenas cinco, já são acumulados 26%.

A concentração das atividades turísticas em alguns poucos países está associada às condições socioeconômicas desses países, como nível e distribuição de renda, tamanho da população, condições de acesso e proximidade do mercado.

Pode-se considerar que o tamanho da população combinado com o nível da renda constituem-se em importantes indicadores de demanda, já que se têm indicações de que um limite de US\$ 800 de renda média *per capita* mensal assinalaria a inclusão do indivíduo no mercado qualificado de consumo do turismo. A partir desse montante de renda, depois de satisfeitas as necessidades básicas de consumo, bens de sobrevivência, o indivíduo começa a ter reservas para outros tipos de gastos de vivência, entre os quais se inclui o turismo. Dessa forma, o número de indivíduos com renda mensal superior a US\$ 800 caracterizaria uma medida do tamanho do mercado consumidor, condição que se vê confirmada pelo perfil dos principais países emissores no mundo. É importante ressaltar que, a par de um ambiente de país desenvolvido, a escolha predominante das destinações desenvolvidas por parte dos emissores decorre também da proximidade entre os países e das semelhanças de culturas, especialmente daqueles integrantes da Europa.

Assim, são verificadas duas condições essenciais no desenvolvimento do turismo: de um lado, a predominância das regiões mais ricas entre as localidades emissoras e também receptoras; e de outro, a concentração intra-regional desses fluxos turísticos. Outros aspectos das questões culturais e históricas poderiam ser ainda destacados pois estão inter-relacionados: a formação étnica e religiosa, a origem dos povos, os hábitos de consumo, decorrentes de outras condições e, inclusive, o idioma.

As Tabelas 5 e 6, a seguir, revelam o significado dessas duas condições, ao destacar que a Europa, por exemplo, responde por 60% do emissivo e quase 55% do receptivo.

Tabela 5

Matriz Origem Destino dos Turistas no Mundo – 1997 (em 1000)								
Emiss./Recept.	África	América	Ásia Oriental/Pa- cíf.	Europa	Oriente Médio	Ásia Meridi- onal	Outros Países	Total
África	9.609	866	544	8.494	813	97	2.767	23.190
América	333	85.177	9.923	19.961	229	323	2.941	118.887
Ásia Oriental/Pacífico	392	6.529	67.698	10.434	269	1.268	1.437	88.027
Europa	3.767	24.454	13.718	286.098	1.646	1.347	38.773	369.803
Oriente Médio	1.112	657	1.010	3.853	4.917	846	2.438	14.833
Ásia Meridional	124	470	651	2.190	201	1.188	10	4.834
Total	15.337	118.153	93.544	331.030	8.075	5.069	48.366	619.574

Fonte: OMT – “Mercados Emissores de Turismo – Visión General y Análisis de las Características de los Países”, Espanha, Madrid, 1999.

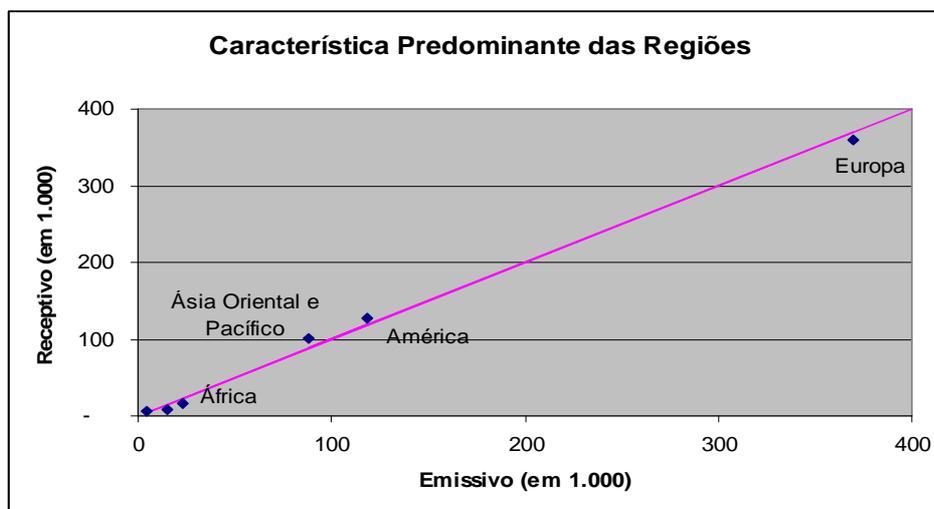
Tabela 6

Matriz Origem Destino dos Turistas no Mundo - 1997 (em %)								
	África	América	Ásia Oriental/Pacífico	Europa	Oriente Médio	Ásia Meridional	Outros Países	Total
África	1,6	0,1	0,1	1,4	0,1	0,0	0,4	3,7
América	0,1	13,7	1,6	3,2	0,0	0,1	0,5	19,2
Ásia Oriental/Pacífico	0,1	1,1	10,9	1,7	0,0	0,2	0,2	14,2
Europa	0,6	3,9	2,2	46,2	0,3	0,2	6,3	59,7
Oriente Médio	0,2	0,1	0,2	0,6	0,8	0,1	0,4	2,4
Ásia Meridional	0,0	0,1	0,1	0,4	0,0	0,2	0,0	0,8
Total	2,5	19,1	15,1	53,4	1,3	0,8	7,8	100,0

Fonte: OMT - “Mercados Emissores de Turismo – Visión General y Análisis de las Características de los Países”, Espanha, Madrid, 1999.

No Gráfico 4, por sua vez, são reveladas as características mais determinantes dos continentes, no atual momento: se preponderantemente emissor ou se preponderantemente receptivo. A linha de 45 graus serve de divisória às duas condições e, na medida em que se ascende ao longo dela, notam-se os continentes de maior expressão relativa em números de turistas.

Gráfico 4



Fonte: OMT

Com vistas a descrever as características dos fluxos entre países, construiu-se a Tabela 7, cujos resultados revelam a predominância dos movimentos intra-regionais, em geral de países desenvolvidos para outros também desenvolvidos, assim como de identidade histórico-cultural entre os países que se visitam. Na maior parte dos receptivos, cerca de 70% de seus emissores de turistas é devido a, no máximo, três países, os quais, em sua quase totalidade, se situam na condição admitida nesta proposição.

Tabela 7

Principais Países Receptivos de Turistas e seus Principais Emissivos (Participação Relativa)		
Principais Receptivos	Principais Emissivos	(%)
França	Alemanha (20%), Reino Unido (16%), Holanda (15%), Bélgica (12%), Itália (8%)	73,8%
Espanha	Reino Unido (26%), Alemanha (24%), França (12%), Itália (5%), Holanda (4%)	71,9%
EUA	Canadá (29%), México (20%), Japão (10%), Reino Unido (8%), Alemanha (4%)	72,4%
Itália	Alemanha (22%), Suíça (19%), França (17%), Áustria (10%)	70,1%
China	Japão (22%), Coreia do Sul (11%), Rússia (10%), EUA (9%), Malásia (4%), Mongólia (4%)	61,2%
R. Unido	EUA (15%), França (13%), Alem. (11%), Irlanda (8%), Holanda (6%), Bélgica (4%), Itália	62,2%
Canadá	EUA (78%), Reino Unido (4%)	82,4%
México	EUA (92%)	91,7%
Rússia	Ucrânia (42%), Finlândia (8%), Geórgia (5%), Lituânia (5%), Polônia (5%)	65,7%
Polônia	Alemanha (60%), República Tcheca (15%)	75,5%
Áustria	Alemanha (53%), Itália (6%), Holanda (5%), Suíça (5%), EUA (4%)	73,3%
Alemanha	EUA (13%), Holanda (12%), R. Unido (10%), Itália (6%), Suíça (6%), Japão (5%), França	57,0%
R. Tcheca	Alemanha (41%), Polônia (19%)	59,8%
Hungria	Áustria (19%), Eslováquia (15%), Romênia (12%), Croácia (11%), Alemanha (11%)	69,5%
Grécia	Alemanha (20%), Reino Unido (20%), Itália (6%), Albânia (5%), Holanda (5%), França (4%)	65,4%
Portugal	Espanha (49%), Reino Unido (16%), Alemanha (8%), França (6%)	79,1%
Hong Kong	China (28%), Taiwan (18%), Japão (10%), EUA (8%), Macau (4%), Cingapura (3%)	71,4%
Suíça	Alemanha (29%), EUA (12%), Reino Unido (8%), Japão (7%), França (6%), Itália (6%)	69,6%

Fonte: OMT

Assim, pelos resultados apresentados, confirmam-se algumas das proposições anteriores: a influência do grupo de fatores geográficos e culturais nos fluxos turísticos, bem como em relação ao elevado grau de concentração, também em termos dos emissores.

No que se refere ao grau de concentração, nota-se que apenas cinco países emissores respondem, em média, por mais de 70% dos principais receptivos. O exemplo mais evidente é dado pelo México, cujo receptivo total é quase todo (91,7%) explicado pelos visitantes provenientes dos Estados Unidos. Esse exemplo também se aplica para explicar a importância do fator geográfico de proximidade e acessibilidade dos fluxos turísticos.

Quanto aos aspectos culturais e históricos, os exemplos que mais evidenciam o significado desses fatores explicativos são dados pelo Canadá (78,4% de seu emissor é proveniente dos Estados Unidos, embora inclua também uma parcela da componente distância); Reino Unido (15,5% explicado pelos EUA); China (um terço de seu emissor composto por Japão e Coreia do Sul); Rússia (mais de 60% composto por Ucrânia, Finlândia, Geórgia e Lituânia); Polônia (Alemanha e República Tcheca respondem por 75,5%); e assim por diante.

3.3. Perspectivas do turismo internacional

Os fluxos turísticos são predominantemente intra-regionais, e a Europa, por se constituir no principal centro emissor (contribui com 53,4% do total), resulta, em decorrência, como a maior região receptiva no turismo mundial (responde por 59,7% do total).

Do total emitido, mais de 80% se destinam a países do próprio continente e, no que tange ao seu receptivo, a própria região responde por quase sete vezes mais do que a soma das demais origens. A facilidade de deslocamento que existe entre os países europeus e a importante dotação existente de infra-estrutura e equipamentos turísticos são fatores que naturalmente têm impulsionado o turismo intra-regional europeu.

Deve-se ressaltar, porém, que a cada ano vem-se reduzindo o grau de concentração entre essas localidades desenvolvidas. Em 1950, os cinco primeiros países receptivos respondiam por 71% do total. Já em 1970, reduz-se significativamente para 43% e depois para 38%, em 1990.

Essa tendência aumenta as perspectivas de crescimento das novas destinações turísticas. Em 1970, os primeiros 15 países respondiam por 75%, restando, portanto, apenas 25% para todas as demais localidades. A participação dessas novas destinações vê-se ampliada em 1990 para 33%. Analisando-se em um horizonte de longo prazo, observa-se uma tendência de descentralização das destinações das viagens.

Ressalve-se ainda que o grau de concentração é mais intensivo quando se analisam os fluxos turísticos em números de visitantes. Quando a análise é feita em montante dos gastos das viagens, o grau de concentração, embora relevante, é bem menos significativo. Tal constatação evidencia o fato de que viagens mais rotineiras, de maior frequência relativa, se caracterizam, naturalmente, como viagens de menor permanência, menor distância relativa e menor montante de gastos.

Dois grupos principais de fatores vêm contribuindo para a expansão e diversificação dos destinos turísticos. O primeiro deles associado ao crescimento da renda das pessoas, particularmente dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, que propicia uma “folga” um pouco maior nos orçamentos domésticos, permitindo reservar maiores parcelas da renda para o consumo de bens e serviços menos essenciais, como o turismo.

O segundo grupo de fatores está associado às mudanças do perfil do “consumidor” do turismo, que passa a buscar atrativos menos convencionais e de produtos mais exóticos, mais disponíveis em destinos não tradicionais. Essa mudança deve-se também à tendência de esgotamento do ciclo de vida dos produtos turísticos daquelas localidades já intensamente visitadas, assim como à ampliação do grau de segurança propiciada pelo hábito de viajar, que favorece a ampliação dos horizontes nos destinos turísticos. Essa tendência de descentralização pode ser observada na evolução do número de chegadas do turismo internacional (Tabelas 8 e 9). Nota-se, ao longo do tempo, que o continente europeu e o americano perderam no receptivo um número bastante considerável de visitantes, que se reorientaram para outras destinações mais novas.

Os resultados apresentados nas Tabelas 8 e 9 demonstram que, no período de 1960 a 2001, o continente europeu perdeu uma parcela de cerca de 14,8%, o que representou

aproximadamente 102 milhões de turistas em relação ao número mundial de chegadas de 2001; o continente americano, por sua vez, teve uma redução de 6,6%, representando cerca de 45,7 milhões de turistas. Observa-se que, conjuntamente, os continentes europeu e americano perderam no receptivo um número bastante considerável de turistas, cerca de 150 milhões de visitantes.

Tabela 8

*Chegadas do Turismo Internacional, por Região – 1960/2001
(Em milhões)*

Região	1960	1970	1980	1985	1990	1998	2001
África	0,8	2,4	7,3	9,7	15,1	24,7	27,7
América	16,7	42,3	61,4	64,3	93,6	122,7	121,0
Ásia Oriental/Pacífico	0,7	5,3	21,0	31,1	54,6	86,6	115,2
Europa	50,4	113,0	186,4	212,1	282,9	381,1	401,4
Oriente Médio	0,6	1,9	6,0	7,5	9,0	15,0	21,8
Ásia Meridional	0,2	0,9	2,3	2,5	3,2	5,0	5,8
Total Mundial	69,3	165,8	284,3	327,2	458,2	635,1	692,9

Fonte: OMT – “Mercados Emissores de Turismo – Visión General y Análisis de las Características de los Países”, Espanha, Madrid, 1999.

Tabela 9

Chegadas do Turismo Internacional, por Região – 1960/2001 (Em %)

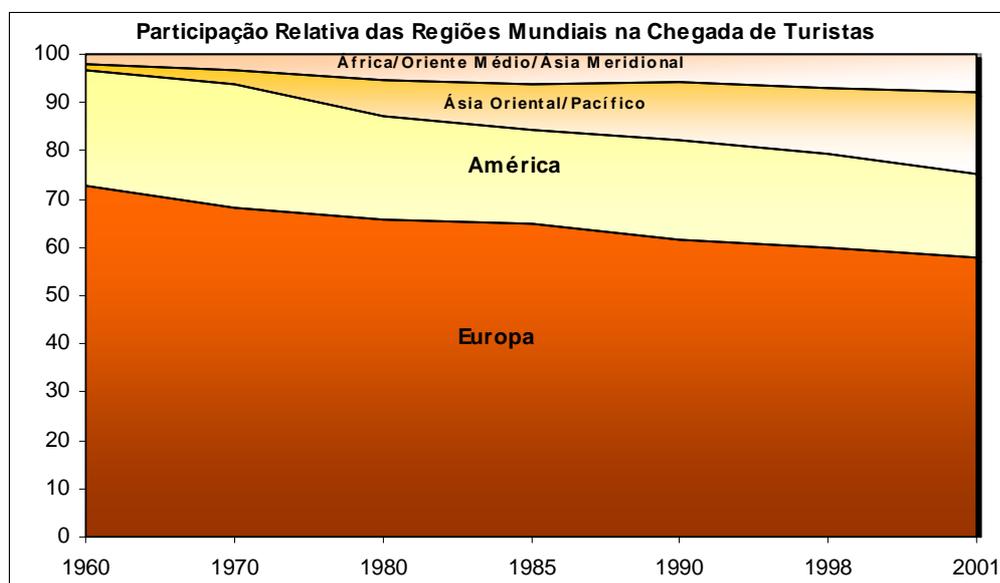
Região	1960	1970	1980	1985	1990	1998	2001
África	1,1	1,5	2,6	3,0	3,3	3,9	4,0
América	24,1	25,5	21,6	19,7	20,4	19,3	17,5
Ásia Oriental/Pacífico	1,0	3,2	7,4	9,5	11,9	13,6	16,6
Europa	72,7	68,2	65,6	64,8	61,7	60,0	57,9
Oriente Médio	0,9	1,1	2,1	2,3	2,0	2,4	3,1
Ásia Meridional	0,3	0,6	0,8	0,8	0,7	0,8	0,8
Total Mundial	100,0						

Fonte dos Dados Originais: OMT – “Mercados Emissores de Turismo – Visión General y Análisis de las Características de los Países”, Espanha, Madrid, 1999.

Como se nota, essa queda de mais de 20% da participação relativa desses dois importantes receptivos mundiais, nesses últimos 40 anos, foi reorientada para outras destinações. Os maiores beneficiários, nesse período, foram os países da Ásia Oriental/Pacífico, que evoluíram de 1% de participação, em 1960, para 16,6%, em 2001, absorvendo quase $\frac{3}{4}$ do contingente de turistas “perdido” por aqueles dois destacados mercados. Complementarmente, aparecem as regiões da África, com um ganho relativo de 2,9 pontos percentuais, no período, e o Oriente Médio, com um ganho de 2,2 %.

Ilustra-se a evolução de cada grande região, no período 1960 a 2001, no Gráfico 5, onde se observa a perda relativa de mercado da Europa e das Américas para as outras regiões do mundo, particularmente para a Ásia Oriental/Pacífico, seguida da África e do Oriente Médio.

Gráfico 5



Fonte: OMT

Esse fato revela uma perspectiva favorável, a médio prazo, para a expansão do receptivo turístico também de outros países não integrantes dos centros já consolidados, entre os quais, em particular, o Brasil.

4. Turismo internacional no Brasil

As reorientações dos fluxos turísticos internacionais podem representar uma oportunidade de mercado para o receptivo brasileiro. Nesse contexto, este capítulo propõe-se a examinar algumas das características do turismo internacional no Brasil, tanto do emissivo, quanto do receptivo.

4.1. Caracterização do turismo receptivo no Brasil

No contexto do fluxo mundial de viagens, os dados estatísticos indicam perspectivas favoráveis para o turismo brasileiro, pelo menos no que se refere ao número de visitantes. Segundo a OMT e a Embratur, a entrada de turistas no Brasil teve um aumento de 2,7 vezes, no período 1985/2001, enquanto nas Américas o crescimento foi de apenas duas vezes, e, em termos mundiais, de pouco mais de duas vezes (Tabela 10).

Tabela 10

Evolução das Chegadas no Mundo, nas Américas e no Brasil (1985-2001)							
Anos	Chegada Mundial (US\$ milhões)	Índice (1985=100)	Chegada nas Américas (US\$ milhões)	Índice (1985=100)	Chegada no Brasil (US\$ milhões)	Índice (1985=100)	Participação do Brasil no Mundo (%)
1985	327,2	100,0	58,7	100,0	1,736	100,0	0,5
1986	338,9	103,6	62,9	107,2	1,934	111,4	0,6
1987	363,8	111,2	68,0	115,8	1,929	111,1	0,5
1988	394,8	120,7	75,0	127,8	1,743	100,4	0,4
1989	426,5	130,3	78,6	133,9	1,403	80,8	0,3
1990	458,2	140,0	83,4	142,1	1,091	62,9	0,2
1991	464,0	141,8	96,5	164,4	1,228	70,7	0,3
1992	503,4	153,9	103,6	176,5	1,692	97,5	0,3
1993	519,0	158,6	103,8	176,8	1,641	94,5	0,3
1994	550,5	168,2	106,6	181,6	1,853	106,8	0,3
1995	565,5	172,8	110,6	188,4	1,991	114,7	0,4
1996	596,5	182,3	116,9	199,1	2,666	153,5	0,4
1997	610,8	186,7	118,5	201,9	2,850	164,2	0,5
1998	626,6	191,5	119,5	203,6	4,818	277,5	0,8
1999	650,2	198,7	122,2	208,2	5,107	294,2	0,8
2000	697,2	213,1	128,3	218,6	5,313	306,1	0,8
2001	688,6	210,5	119,3	203,2	4,773	274,9	0,7

Fonte: OMT e Embratur

No entanto, com relação à receita, a situação brasileira não se revela favorável. Adotando-se como base o ano de 1990, a receita do turismo internacional no mundo cresceu 2,3 vezes até 2004, enquanto que, no Brasil, a receita foi de 2,1 vezes, no período 1990/2004 (Tabela 11).

No que se refere à participação do Brasil no turismo mundial, em número de chegadas de turistas, a participação brasileira evoluiu de 0,5%, em 1985, para 0,6%, em 2004. Com essa participação, o Brasil insere-se no bloco dos países cujo receptivo situa-se entre 4,5 e 5 milhões de turistas e se posiciona imediatamente após o grupo dos vinte mais importantes países receptores.

Em termos da receita, a situação é similar, embora em um patamar ligeiramente inferior. A participação brasileira situa-se em um nível de 0,5% do total mundial, com oscilações para patamares mais baixos ao longo de períodos recentes, particularmente no período 1994/2001. Parte dessa situação se deve, de um lado ao câmbio desfavorável ao ingresso de turistas estrangeiros no País, em especial os de fronteiras, e, de outro, pelas crises políticas e econômicas vividas nesse período por nossos principais parceiros.

Tabela 11

Receita do Turismo: Brasil x Total Mundial - 1990/2004

Anos	Receitas Mundial (US\$ bilhões)	Índice (1985=100)	Receitas Brasil (US\$ milhões)	Índice (1985=100)	Brasil no Total Mundial (%)
1990	268,9	100,0	1.492,3	100,0	0,55
1991	277,6	103,2	1.079,2	72,3	0,39
1992	315,1	117,2	1.065,6	71,4	0,34
1993	324,1	120,5	1.096,6	73,5	0,34
1994	354,0	131,6	1.050,8	70,4	0,30
1995	423,0	157,3	971,6	65,1	0,23
1996	435,6	162,0	839,8	56,3	0,19
1997	436,0	162,1	1.069,0	71,6	0,25
1998	442,5	164,6	1.585,7	106,3	0,36
1999	445,0	165,5	1.628,2	109,1	0,37
2000	496,0	184,5	1.809,9	121,3	0,36
2001	482,0	179,2	1.730,6	116,0	0,36
2002	482,0	179,2	1.998,0	133,9	0,41
2003	524,0	194,9	2.478,7	166,1	0,47
2004	623,0	231,7	3.222,1	215,9	0,52

Fonte: Banco Central e OMT

Pesquisas promovidas pela FIPE e Embratur fornecem informações sobre os gastos totais e a permanência média dos turistas estrangeiros no Brasil, segundo países de procedência. A Tabela 12 apresenta os principais resultados, que se basearam em levantamentos de campo realizados em alguns dos principais portões de entrada e de saída de turistas (aéreos e terrestres) do País.

Os dados constantes desta Tabela permitem verificar quão significativas são as diferenças entre os gastos e a permanência média dos turistas procedentes da América do Sul (gasto total, em 2005, de US\$ 520) em comparação, por exemplo, com os da Europa (gasto de US\$ 1.205) e os da América do Norte (gasto de US\$ 1.133). Por essas grandezas pode-se inferir que o visitante intercontinental realiza gastos quase três vezes superiores aos realizados pelos visitantes dos países limítrofes.

Tanto o gasto diário *per capita*, quanto a permanência média também variam significativamente, segundo as regiões de procedência dos visitantes. No que se refere aos gastos diários *per capita*, a principal explicação encontra-se no nível de renda dos países: observa-se, pois, uma estreita associação entre os gastos e o PIB dos países.

A permanência média, também associada à renda, pois envolve gastos, recebe a contribuição de uma outra variável causal: a distância relativa dos centros emissores. Na verdade, a importância dessa variável também se deve ao custo da viagem, dado que, sendo em geral maior a participação dos gastos com transportes para localidades mais distantes, a racionalidade econômica conduz a uma maior permanência, na busca de uma diminuição no custo unitário, compatível com a renda e a escala de preferências dos consumidores, visto que implica aumento no gasto total.

Tabela 12

Gastos e Permanências Médias dos Turistas Estrangeiros no Brasil - 2004/2005						
Países de Residência	Gasto Total per capita (US\$)		Permanência Média (Dias)		Gasto Diário per capita	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
América do Sul	389,4	519,4	9,6	9,9	40,6	52,6
Argentina	396,7	557,7	11	9,8	36,1	56,9
Paraguai	264,8	480,9	7,1	12,6	37,3	38,1
Uruguai	383,4	389,8	7,6	9,2	50,4	42,2
Chile	522,5	601,0	8,6	7,9	60,8	76,0
Europa	978,1	1.205,2	16,2	15,8	60,2	76,5
Alemanha	991,4	1.126,1	18,4	14,6	53,9	77,0
França	910,8	1.097,6	15,8	14,1	57,6	77,7
Espanha	1.060,9	1.325,6	15,9	15,5	66,7	85,4
Inglaterra	1.027,1	1.244,2	15,7	16,3	65,4	76,2
Portugal	831,4	1.256,7	13	17,3	64,0	72,5
Itália	1.124,0	1.225,1	18,7	16,2	60,1	75,7
América do Norte	1.077,2	1.132,9	13,8	12,8	78,1	88,3
EUA	1.085,5	1.128,3	13,8	12,7	78,7	88,8
Canadá	989,1	1.181,9	13,8	14,2	71,7	83,3
Total Médio	772,4	997,6	13,1	13,1	59,0	76,4

Fonte: FIPE e Embratur

Feitas essas constatações, de que se observam menores taxas de permanência média e de gastos diários *per capita* dos turistas do próprio Continente, busca-se verificar suas implicações na arrecadação de divisas com as viagens internacionais, ao longo de período recente, em análise. O impacto dessa constatação relaciona-se, naturalmente, com a participação relativa das localidades fronteiriças no receptivo brasileiro de turistas estrangeiros.

Os dados da Tabela 13 revelam que, em passado recente (de 1985 a 2001), em quase todos os anos desse período, a participação dos visitantes procedentes da América do Sul representava a maioria (mais de 50%), seguida dos europeus e dos norte-americanos. A partir de 2001, basicamente pela crise vivida por nossos principais parceiros do continente, particularmente de Argentina, Paraguai e Uruguai, a participação relativa deste continente reduz-se ao patamar dos 40%, quase o equivalente ao registrado pela Europa.

Dois pontos merecem destaques nesse passado recente: 1980, quando a participação da América do Sul atingiu a expressiva parcela de 72,4 %; e 1993, com a contribuição relativa de 70,7% — ambos devido ao ingresso de argentinos, paraguaios, uruguaios e chilenos, entre outros países limítrofes, atraídos pelo favorecimento cambial nesses dois momentos.

Tabela 13

Entrada de Turistas no Brasil, segundo regiões de residência											
Anos	América do Sul		Europa		América do Norte		Ásia		Outros e não especificado		Total
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
1985	996.087	57,4	369.743	21,3	245.779	14,2	32.552	1,9	91.821	5,3	1.735.982
1986	1.200.560	62,1	371.307	19,2	258.931	13,4	35.661	1,8	67.632	3,5	1.934.091
1987	1.027.082	53,2	471.960	24,5	300.556	15,6	45.735	2,4	83.720	4,3	1.929.053
1988	821.731	47,2	505.503	29,0	278.930	16,0	55.237	3,2	81.538	4,7	1.742.939
1989	795.169	56,7	344.070	24,5	176.477	12,6	34.565	2,5	52.616	3,8	1.402.897
1990	527.744	48,4	325.478	29,8	145.592	13,3	37.135	3,4	55.118	5,1	1.091.067
1991	687.089	57,6	303.969	25,5	134.163	11,3	26.668	2,2	40.327	3,4	1.192.216
1992	920.722	62,4	337.729	22,9	139.250	9,4	31.125	2,1	46.038	3,1	1.474.864
1993	1.111.084	70,7	290.181	18,5	107.791	6,9	24.867	1,6	38.017	2,4	1.571.940
1994	1.084.157	63,8	372.187	21,9	155.073	9,1	40.152	2,4	48.895	2,9	1.700.464
1995	1.106.063	55,5	509.153	25,6	254.566	12,8	58.879	3,0	62.755	3,2	1.991.416
1996	1.405.583	52,7	671.152	25,2	406.265	15,2	98.771	3,7	83.737	3,1	2.665.508
1997	1.520.367	53,4	701.684	24,6	459.553	16,1	83.906	2,9	84.240	3,0	2.849.750
1998	2.810.101	58,3	1.144.599	23,8	607.852	12,6	95.590	2,0	159.942	3,3	4.818.084
1999	2.961.694	58,0	1.227.835	24,0	647.809	12,7	104.701	2,1	165.130	3,2	5.107.169
2000	3.036.169	57,1	1.305.674	24,6	744.270	14,0	99.847	1,9	127.503	2,4	5.313.463
2001	2.418.406	50,7	1.432.315	30,0	690.729	14,5	103.957	2,2	127.168	2,7	4.772.575
2002	1.462.191	38,6	1.373.256	36,3	752.404	19,9	80.864	2,1	114.685	3,0	3.783.400
2003	1.579.889	38,2	1.522.694	36,8	787.407	19,1	106.760	2,6	136.097	3,3	4.132.847
2004	1.829.013	38,2	1.834.164	38,3	838.599	17,5	132.633	2,8	159.294	3,3	4.793.703

Fonte: Embratur

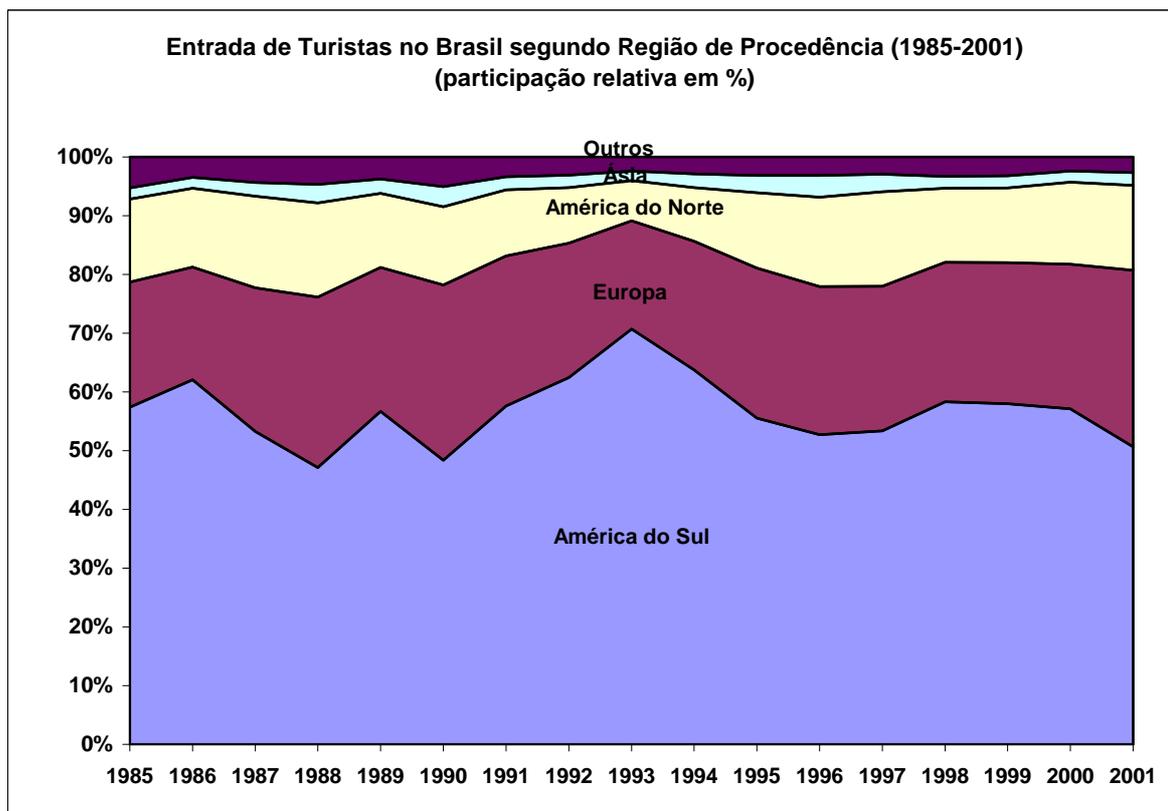
Um fato relevante que merece ser salientado, pelo significado econômico de seus gastos relativos, é o crescimento dos turistas procedentes dos principais países emissores da Europa e também dos Estados Unidos. De fato, a partir da redução da contribuição relativa dos países da América do Sul, esse diferencial passou a ser absorvido pelos países da Europa, seguidos pelos da América do Norte (Gráfico 6).

De fato, segundo os dados apresentados na Tabela 14, relativos ao período 1995/2004, as taxas médias anuais de crescimento do número de turistas portugueses, franceses, canadenses, ingleses, italianos, americanos e alemães, por exemplo, foram de, respectivamente, 23%; 16,8%; 16,6%; 16,3%; 14,1%; 13,5% e 12,5% a.a.

Mesmo sendo significativos e positivos, esses resultados não são ainda suficientes para que essas regiões intercontinentais superem, em valores absolutos, as contribuições propiciadas pelos países limítrofes, especialmente a registrada pela Argentina (920 mil turistas em 2004).

Nas perspectivas de médio prazo, porém, com a recuperação dos países da América do Sul, ora em curso, tende a crescer novamente a contribuição relativa do fluxo intracontinental, sem prejuízo, no entanto, de que permaneça o aumento que se vem observando dos visitantes dos demais continentes do mundo, em números absolutos.

Grafico 6



Fonte: Anuários Estatísticos da EMBRATUR

Tabela 14

Evolução dos Principais Países Emissores de Turistas do Brasil																						
Países	1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002		2003		2004		Média Geomét.	Média Geomét.
	Valor	%	(%) 1995/04	(%) 2001/04																		
Argentina	657.943	33,0	858.189	32,2	938.973	33,0	1.467.922	30,5	1.548.570	30,3	1.744.004	32,8	1.374.584	28,8	699.177	18,5	792.753	19,2	922.484	19,2	3,8	-12,5
EUA	224.577	11,3	356.000	13,4	402.000	14,1	524.093	10,9	559.366	11,0	648.026	12,2	594.309	12,5	636.063	16,8	670.863	16,2	705.997	14,7	13,5	5,9
Portugal	52.184	2,6	62.642	2,4	63.315	2,2	105.593	2,2	115.088	2,3	147.143	2,8	165.908	3,5	168.329	4,4	228.153	5,5	336.988	7,0	23,0	26,6
Uruguai	200.423	10,1	209.333	7,9	206.468	7,3	359.186	7,5	383.750	7,5	403.896	7,6	594.309	12,5	222.410	5,9	239.885	5,8	309.732	6,5	4,9	-19,6
Alemanha	102.106	5,1	141.562	5,3	140.578	4,9	262.740	5,5	282.846	5,5	290.335	5,5	320.602	6,7	296.157	7,8	315.532	7,6	294.989	6,2	12,5	-2,8
Itália	84.001	4,2	109.834	4,1	123.114	4,3	169.533	3,5	177.589	3,5	202.903	3,8	216.517	4,5	183.469	4,8	214.141	5,2	276.563	5,8	14,1	8,5
França	55.252	2,8	75.277	2,8	84.552	3,0	121.272	2,5	131.978	2,6	165.117	3,1	185.033	3,9	206.262	5,4	225.235	5,4	224.160	4,7	16,8	6,5
Paraguai	90.716	4,6	118.563	4,5	146.581	5,1	451.693	9,4	501.425	9,8	371.873	7,0	285.752	6,0	218.653	5,8	186.457	4,5	204.758	4,3	9,4	-10,4
Espanha	59.499	3,0	65.140	2,4	63.809	2,2	91.968	1,9	99.677	2,0	110.765	2,1	126.973	2,7	110.177	2,9	120.324	2,9	155.421	3,2	11,2	6,8
Chile	63.900	3,2	87.153	3,3	92.233	3,2	159.673	3,3	170.564	3,3	172.807	3,3	154.093	3,2	112.451	3,0	114.562	2,8	155.026	3,2	10,3	0,3
Inglaterra	38.532	1,9	58.201	2,2	62.308	2,2	117.518	2,4	125.607	2,5	127.903	2,4	143.823	3,0	146.513	3,9	155.877	3,8	150.336	3,1	16,3	1,6
Suíça	33.505	1,7	48.595	1,8	46.542	1,6	66.546	1,4	71.667	1,4	67.947	1,3	71.572	1,5	56.175	1,5	62.829	1,5	83.113	1,7	10,6	5,0
Canadá	16.706	0,8	26.306	1,0	29.278	1,0	46.986	1,0	49.350	1,0	54.916	1,0	55.643	1,2	67.531	1,8	68.585	1,7	66.895	1,4	16,6	6,2
Japão	30.219	1,5	48.474	1,8	39.194	1,4	38.143	0,8	41.814	0,8	40.905	0,8	43.399	0,9	39.741	1,0	42.791	1,0	60.806	1,3	8,0	11,8
Bolívia	20.737	1,0	37.085	1,4	41.923	1,5	150.242	3,1	145.072	2,8	134.640	2,5	107.673	2,3	67.673	1,8	60.487	1,5	60.239	1,3	12,5	-17,6
Venezuela	29.490	1,5	37.461	1,4	27.820	1,0	59.834	1,2	58.980	1,2	52.929	1,0	49.769	1,0	42.082	1,1	44.423	1,1	44.257	0,9	4,6	-3,8
Subtotal	1.759.790	88,4	2.339.815	87,8	2.508.688	88,0	4.192.942	87,0	4.463.343	87,4	4.736.109	89,1	4.489.958	94,1	3.272.863	86,5	3.542.897	85,7	4.051.764	84,5	9,6	-3,5
Outros	231.626	11,6	325.693	12,2	341.062	12,0	625.142	13,0	643.826	12,6	577.354	10,9	282.617	5,9	512.035	13,5	589.950	14,3	741.939	15,5	13,7	38,0
Total	1.991.416	100	2.665.508	100	2.849.750	100	4.818.084	100	5.107.169	100	5.313.463	100	4.772.575	100	3.784.898	100	4.132.847	100	4.793.703	100	10,2	0,1

Fonte: Embratur

4.2. Caracterização do turismo emissivo no Brasil

As saídas de brasileiros, desde meados dos anos oitenta, vêm registrando evoluções crescentes: passa de um patamar médio de 500 mil, em 1980/1983, para 900 mil em 1984/1985, atingindo o nível de 1 milhão em 1986/1990. Nos primeiros anos de 1990, evoluiu para o patamar de 1,2 milhão, acelerando-se a partir do Plano Real, até alcançar o nível de 4 milhões de saídas, em 1998. Com a flexibilização cambial de janeiro de 1999, reduziram-se substancialmente as saídas e os gastos dos turistas brasileiros no exterior, recuperando-se recentemente, pela desvalorização do câmbio (Tabela 14).

A taxa média anual de saídas de brasileiros de 1985/1998 é de 12,7%, acelerando-se pós Plano Real (1994/1998) para 24,4%, favorecidas pelos ganhos reais, num primeiro momento, e pela defasagem cambial. Em 1999, a variação anual foi de -31,4%, resultando numa taxa média para o período 1994/2000 de 10,9%.

Confrontando-se esses resultados com o número de estrangeiros que visitam o País (chegadas), verifica-se que, até 1994, o número de chegadas apresentou taxa anual de crescimento praticamente nula (0,3%), enquanto que as saídas registravam taxas de 10,4%.

Durante o Plano Real, até 1998, as taxas se equivaleram, nos níveis de 24% ao ano, registrando-se as maiores discrepâncias no período 1998/2000, após a flexibilização cambial, que restringiu as saídas e favoreceu o ingresso de visitantes estrangeiros, resultando, nesses dois anos, numa taxa de chegadas bem superior (taxa de 18,2% a.a.) à de saídas (taxa de 10,9% a.a.). É bem verdade que a parcela do aumento verificado nas chegadas no ano de 1998 (+69,0% a.a.) deveu-se a mudanças metodológicas de registro de ingressos de turistas no Brasil.

O saldo do número de turistas, conforme dados da Tabela 15, revela-se positivo ao longo do tempo até inícios dos anos noventa, a partir dos quais, por problemas cambiais, exceto nos anos de 1992 e 1993, registraram saldos negativos. A situação volta a ficar favorável, depois do ajuste do câmbio, promovido em janeiro de 1999. Nesse ano e seguintes, observaram-se crescentes saldos no balanço do turismo internacional brasileiro, em número de turistas, respectivamente, +2,2 e +2,4 milhões de pessoas.

As principais destinações turísticas dos brasileiros foram os Estados Unidos (participação de 20 a 25%, no período 1996/2000); a Argentina (entre 11 e 16%); a Itália (10 a 12%); o Uruguai (5%); seguidos da Espanha, Inglaterra, França e Portugal, com contribuições entre 3 e 4% (Tabela 16).

Os primeiros três países somados absorveram mais de 60% do emissivo brasileiro, embora, ao longo do tempo, apresentassem flutuações em suas contribuições, como os casos da Argentina (chegou a representar 30% da destinação dos brasileiros, em 1982) e do Uruguai (constituiu-se na terceira principal destinação até inícios dos anos noventa, com participação relativa de até 15%, em 1980).

Tabela 15

Confronto entre o Número de chegadas e Saídas de Turistas do Brasil (1980-2000)							
Anos	Chegada de Turistas	Índice (1980=100)	Variação Anual (%)	Saída de Turistas	Índice (1980=100)	Variação Anual (%)	Saldo de Turistas
1980	1.625.422	100,0	-	427.416	100,0	-	1.198.006
1981	1.357.879	83,5	-16,5	428.882	100,3	0,3	928.997
1982	1.146.681	70,6	-15,6	537.306	125,7	25,3	609.375
1983	1.420.481	87,4	23,9	622.387	145,6	15,8	798.094
1984	1.595.726	98,2	12,3	782.608	183,1	25,7	813.118
1985	1.735.982	106,8	8,8	955.239	223,5	22,1	780.743
1986	1.934.091	119,0	11,4	1.116.345	261,2	16,9	817.746
1987	1.929.053	118,7	-0,3	1.096.695	256,6	-1,8	832.358
1988	1.742.939	107,2	-9,6	954.814	223,4	-12,9	788.125
1989	1.402.897	86,3	-19,5	1.069.551	250,2	12,0	333.346
1990	1.091.067	67,1	-22,2	1.238.622	289,8	15,8	-147.555
1991	1.228.178	75,6	12,6	1.248.000	292,0	0,8	-19.822
1992	1.692.078	104,1	37,8	1.314.000	307,4	5,3	378.078
1993	1.641.138	101,0	-3,0	1.400.000	327,6	6,5	241.138
1994	1.853.301	114,0	12,9	2.100.000	491,3	50,0	-246.699
1995	1.991.416	122,5	7,5	2.600.000	608,3	23,8	-608.584
1996	2.665.508	164,0	33,8	3.797.249	888,4	46,1	-1.131.741
1997	2.849.750	175,3	6,9	4.014.340	939,2	5,7	-1.164.590
1998	4.818.084	296,4	69,1	4.171.110	975,9	3,9	646.974
1999	5.107.169	314,2	6,0	2.862.754	669,8	-31,4	2.244.415
2000	5.313.463	326,9	4,0	2.888.397	675,8	0,9	2.425.066

Fonte: Embratur e OMT

Nota-se um crescimento relativo na destinação aos países da Europa, particularmente à Itália (participação relativa de 3,5% em 1987 e de 12,1% em 2000); e à Inglaterra (que de 1,8%, em 1987, evoluiu para 3,5% em 2000). No conjunto, os principais países da Europa evoluíram de uma participação relativa de 16%, em 1987, para 25,7% em 2000.

Em termos de tendência, os resultados do emissivo brasileiro não diferem significativamente dos observados no turismo mundial, devido às mesmas condicionantes econômicas, muito embora apresentem peculiaridades próprias, por caracterizar-se como um mercado consumidor marginal e pelas razões conjunturais e de política econômica interna.

As diferenças mais evidentes são notadas nos anos de 1993/1996, período em que se observou uma aceleração nas taxas de saídas de brasileiros (+ 41,0% ao ano), enquanto, nesses mesmos anos, o turismo mundial cresceu 9,6%. A variação negativa observada no ano de 1999 pode ser explicada pela política de flexibilização do câmbio, adotada em janeiro daquele ano.

Já, as quedas observadas em 1987 e 1988 deveram-se à repercussão subsequente do “represamento” de problemas econômicos, com a adoção, em 1986, do Plano Cruzado. Neste ano, a variação das saídas de turistas registrou taxa bastante expressiva (+16,9%), mesmo tendo sido adotada, à época, a cobrança de uma taxa de 25%, como empréstimo compulsório, sobre as vendas de dólares (câmbio) para os gastos com viagens ao exterior, além de outros 25% sobre o valor da emissão de passagens, conforme resolução do Banco Central nº. 1.154, de 23 de julho daquele ano. Apesar disso, no entanto, outros fatores concorreram para que o resultado líquido fosse positivo em 1986: entre esses o aumento do nível de renda real, via congelamento de preços, e a concessão de abono salarial de 8%.

Tabela 16

Saída de Turistas do Brasil, segundo principais receptores (1995-2000)													
Países	1995		1996		1997		1998		1999		2000		Taxa Anual 1995/00 (%)
	Valor	%											
EUA	813.593	31,3	848.453	22,3	940.698	23,4	909.477	21,8	665.013	23,2	670.970	23,2	-3,8
Argentina	260.000	10,0	555.943	14,6	445.000	11,1	466.110	11,2	451.768	15,8	455.815	15,8	11,9
Itália	46.500	1,8	380.712	10,0	408.561	10,2	471.812	11,3	346.538	12,1	349.642	12,1	49,7
Uruguai	112.300	4,3	194.039	5,1	200.000	5,0	212.182	5,1	153.740	5,4	155.117	5,4	6,7
Espanha	73.040	2,8	171.125	4,5	180.908	4,5	208.914	5,0	112.484	3,9	113.492	3,9	9,2
Inglaterra	27.700	1,1	123.000	3,2	134.000	3,3	154.000	3,7	99.000	3,5	99.887	3,5	29,2
França	46.910	1,8	133.202	3,5	140.817	3,5	162.618	3,9	97.571	3,4	98.445	3,4	16,0
Portugal	89.260	3,4	72.912	1,9	80.684	2,0	88.722	2,1	95.342	3,3	96.196	3,3	1,5
Alemanha	37.840	1,5	114.633	3,0	123.984	3,1	99.250	2,4	81.494	2,8	82.224	2,8	16,8
México	*	*	124.197	3,3	131.297	3,3	171.624	4,1	68.082	2,4	68.692	2,4	-13,8
Chile	54.500	2,1	61.029	1,6	87.000	2,2	83.132	2,0	67.751	2,4	68.358	2,4	4,6
Paraguai	83.000	3,2	84.313	2,2	84.000	2,1	77.304	1,9	62.695	2,2	63.257	2,2	-5,3
Canadá	49.800	1,9	41.000	1,1	56.000	1,4	58.800	1,4	45.500	1,6	45.908	1,6	-1,6
Suíça	*	*	58.223	1,5	61.674	1,5	57.226	1,4	39.466	1,4	39.820	1,4	-9,1
Bolívia	*	*	39.811	1,0	37.000	0,9	36.133	0,9	26.780	0,9	27.020	0,9	-9,2
Áustria	*	*	33.862	0,9	34.311	0,9	35.504	0,9	23.363	0,8	23.572	0,8	-8,7
Subtotal	1.694.443	65,2	3.036.454	80,0	3.145.934	78,4	3.292.808	78,9	2.436.587	85,1	2.458.413	85,1	7,7
Outros	905.557	34,8	760.795	20,0	868.406	21,6	878.302	21,1	426.167	14,9	429.984	14,9	-13,8
Total	2.600.000	100	3.797.249	100	4.014.340	100	4.171.110	100	2.862.754	100	2.888.397	100	2,1

Fonte: Embratur e OMT

A partir dessa análise, reforça-se a proposição de que o turismo, assim como qualquer outra atividade econômica, resulta de um complexo de fatores que se interagem. Uma dessas questões, já examinada, diz respeito aos diferentes comportamentos verificados por duas variáveis do mesmo fato: número e valor do fluxo turístico, tanto do emissivo, quanto do receptivo.

Como visto, em número de turistas, exceto nos anos 1990/1992 e 1994/1998, no período de 1980/2000, o saldo brasileiro apresentou-se positivo, com patamares crescentes até finais dos anos oitenta. Iniciou-se em 1970/1976 com saldos favoráveis de 100 a 200 mil, que se elevaram para 300 a 500 mil, em 1977/1979, atingindo os níveis de 800 mil no período de 1983/1987, após alcançar o ponto máximo em 1980, com quase 1,2 milhão.

A partir, porém, de inícios dos anos noventa registraram-se saldos negativos (1990/1998, exceto 1992/1993), basicamente devido à expansão mais que proporcional das saídas em relação às chegadas, por melhoria da capacidade de consumo dos brasileiros, além das vantagens proporcionadas pelas defasagens cambiais nesse período, retomando resultados positivos, a partir daí (1999), pela correção cambial, afora 1998, pelas razões metodológicas de contagem.

Relativamente ao valor monetário do turismo internacional no Brasil, a principal referência é o montante de divisas arrecadado e despendido na atividade. Em termos da receita, a atividade gerou um montante entre US\$1,5 bilhão a US\$ 2 bilhões ao ano, correspondente a 7% do valor das exportações, nos anos de 1990/2002. A partir de 2002, com a desvalorização cambial e a recuperação de algumas economias do mundo, particularmente dos países limítrofes ao Brasil, verifica-se uma elevação no nível de ingressos de divisas, para o patamar de US\$ 2,5 a 4 bilhões, atingindo o valor de quase US\$ 4 bilhões em 2005/2006 (Tabela 17).

Tabela 17

Conta "Viagens Internacionais" no Brasil

Anos	Receitas (US\$ milhões)	Despesas (US\$ milhões)	Saldo (US\$ milhões)
1990	1.492,3	1.581,8	(89,5)
1991	1.079,2	1.316,7	(237,5)
1992	1.065,6	1.402,5	(336,9)
1993	1.096,6	1.892,0	(795,4)
1994	1.050,8	2.232,0	(1.181,2)
1995	971,6	3.391,3	(2.419,7)
1996	839,8	4.438,3	(3.598,5)
1997	1.069,0	5.445,8	(4.376,8)
1998	1.585,7	5.731,7	(4.146,0)
1999	1.628,2	3.085,3	(1.457,1)
2000	1.809,9	3.894,1	(2.084,2)
2001	1.730,6	3.198,6	(1.468,0)
2002	1.998,0	2.395,8	(397,8)
2003	2.478,7	2.261,1	217,6
2004	3.222,1	2.871,3	350,8
2005	3.861,4	4.719,9	(858,5)
2006	3.955,9	4.945,1	(989,2)

Fonte: Banco Central do Brasil

No que se refere às despesas com viagens internacionais, o montante de gastos de divisas que se situava em torno de US\$ 1,5 bilhão, a partir de 1994, com o congelamento cambial e o aumento da renda, evoluiu para US\$ 2,2 bilhões, num primeiro momento, chegando a alcançar US\$ 5,7 bilhões em 1998.

A saída de divisas viu-se reduzida, nos anos de 1999 a 2004, com a política de flexibilização cambial. No entanto, logo a seguir, com o recente processo de desvalorização cambial, reaceleraram-se os gastos com viagens internacionais, retomando-se o patamar dos US\$ 5 bilhões em 2005/2006.

Esses dados, tanto das receitas, quanto das despesas, são naturalmente refletidos nos resultados dos saldos do balanço da Conta turismo do País. No período 1995/1999, os saldos dessa Conta foram negativos, entre os níveis de US\$ 2,5 a US\$ 4,3 milhões, resultado da rígida política cambial, na primeira fase do Plano Real.

Com a flexibilização cambial, a partir de janeiro de 1999, reduziram-se os déficits da Conta "viagens internacionais", aos patamares de US\$ 1,4 bilhão e US\$ 2 bilhões, entre 1999 a 2001, passando a positivo nos anos de 2004 e 2005, até regredir novamente em 2005 e 2006, com déficits respectivos de US\$ 0,8 bilhão e US\$ 1 bilhão, em virtude da referida desvalorização cambial nesses últimos anos.

5. Considerações finais

Conforme observado, o crescimento do turismo, devidamente planejado, apresenta-se como instrumento de desenvolvimento dos países, pelos benefícios que promove, entre eles a contribuição na melhoria do nível do emprego, na distribuição regional da renda e na geração de divisas.

O potencial de crescimento dessa atividade reforça o posicionamento na estratégia de desenvolvimento econômico dos países. Como verificado, as taxas médias de crescimento das receitas do turismo, entre 1960 e 2002, superaram as das exportações, sugerindo tratar-se de uma atividade com melhores perspectivas de crescimento, numa visão de futuro.

Convém ressaltar, entretanto, que o crescimento do turismo, assim como o de outras atividades produtivas, não se bastam em si, dependendo e sendo afetado por acontecimentos outros, nem sempre controláveis, decorrentes de fatores sociais, políticos ou mesmo econômicos.

A análise do turismo internacional no mundo permitiu observar que os principais emissores e receptores do turismo mundial apresentam-se concentrados em alguns poucos países e preponderantemente dentro de suas respectivas regiões de ocorrência. A concentração desses fluxos turísticos está associada a uma grande variedade de fatores, entre eles as condições socioeconômicas, o tamanho da população, as condições de acesso e a proximidade do mercado. A combinação dos fatores tamanho da população e nível de renda constitui um importante indicador de demanda.

Outros aspectos contribuem para explicar as relações dos fluxos turísticos, como as questões culturais, históricas, formação étnica e religiosa, origem dos povos, hábitos de consumo, idiomas comuns.

Numa visão de perspectiva do turismo internacional, observa-se que, apesar da concentração intra-regional dos fluxos turísticos, particularmente de regiões desenvolvidas para si próprias, inicia-se uma tendência de descentralização, na margem, das viagens, o que aumenta as perspectivas de crescimento de novas destinações turísticas.

Dois principais fatores vêm contribuindo para essa descentralização: o crescimento da renda das pessoas (particularmente dos países desenvolvidos e em desenvolvimento) e as mudanças do perfil do consumidor do turismo (que busca atrativos menos convencionais e produtos mais exóticos, mais disponíveis em destinos não tradicionais).

A tendência à descentralização dos fluxos turísticos também é explicada pelo ciclo de vida dos produtos turísticos (localidades já intensamente visitadas) e o aumento da sensação de segurança nas viagens (propiciada pelo hábito de viajar).

A análise da evolução do número de chegadas do turismo internacional permitiu confirmar essa tendência de descentralização ao longo do tempo, pela identificação da perda relativa de visitantes dos continentes europeu e norte-americano. Tal fato propicia uma perspectiva

favorável, a médio prazo, para a expansão do receptivo turístico de outros países não integrantes dos centros já consolidados, entre os quais se encontra o Brasil.

A caracterização do turismo receptivo no Brasil indica perspectivas favoráveis em relação ao número de visitantes. Respondendo por cerca de 1 a 2% do receptivo mundial, o turismo brasileiro, por suas potencialidades e estágio de crescimento, revela enorme espaço para a expansão de suas atividades.

Mesmo com a regressão de nossos principais parceiros do próprio continente, por crises vividas recentemente, o turismo brasileiro vem registrando aumentos crescentes, com perspectivas ainda mais favoráveis a médio prazo, em face de possibilidades de novas conquistas desse mercado intercontinental e pela superação da crise dos países limítrofes. O crescimento do ingresso de turistas procedentes da Europa e dos Estados Unidos já é uma realidade, de tal modo que a contribuição dos países europeus, por exemplo, já se equivale à participação relativa dos sul-americanos.

As receitas e as despesas com o turismo internacional são naturalmente refletidas nos resultados dos saldos do balanço da Conta turismo do País. No período 1995/1999, os saldos dessa conta foram negativos, entre os níveis de US\$ 2,5 a US\$ 4,3 milhões, resultado da rígida política cambial, na primeira fase do Plano Real. Com a flexibilização cambial, a partir de janeiro de 1999, reduziram-se os déficits da Conta “viagens internacionais”, aos patamares de US\$ 1,4 bilhão e US\$ 2 bilhões, entre 1999 a 2001, passando a positivo nos anos de 2004 e 2005, até regredir novamente em 2005 e 2006, com déficits respectivos de US\$ 0,8 bilhão e US\$ 1 bilhão, devido à referida desvalorização cambial nesses últimos anos.

Em síntese, o Turismo caracteriza-se por ser uma atividade em crescimento e, devidamente Planejado, oferece benefícios ao País. O turismo internacional, apesar de concentrado em poucos países, revela tendências de descentralização, o que representa uma oportunidade para o receptivo brasileiro, composto, até recentemente, em sua maior parte, pelos países limítrofes, de menor gasto relativo e mais sujeitos às influências de ocorrências conjunturais. Dessa forma, de um lado, ações que consolidem os mercados tradicionais e de outro, que busquem o aumento e a diversificação da procedência dos visitantes do Brasil constituem-se em estratégias de ação para o desenvolvimento do turismo no País.

6. Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. "Boletim mensal". Brasília, diversos meses e anos.
_____. "Relatório anual". Brasília, diversos anos.

BULL, Adrian. *La economía del sector turístico*. Espanha: Alianza Editorial, 1994.

EMBRATUR — Instituto Brasileiro de Turismo. "Anuários estatísticos Embratur". Brasília, diversos anos.

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. "Impacto econômico do turismo, avaliado pela Conta satélite de turismo". Relatório de pesquisa. São Paulo, abr. 2002.

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e Embratur. "Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil". Relatório de pesquisa. São Paulo, ago. 2002.

_____. "Caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil" Relatório de pesquisa [em fase de conclusão]. São Paulo, 2004 e 2005.

FIPE — Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e Ministério do Turismo. "Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil" Relatório de Pesquisa [em fase de conclusão]. São Paulo, 2006.

FMI - Fundo Monetário Internacional. "Estadísticas financieras internacionales". Seção dos índices de preços ao consumidor. Diversos anuários. Washington.

_____. "Site". WEO — World Economic Outlook. Database, All countries, PIB em dólares correntes. Washington.

OMT - Organização Mundial do Turismo. "Tourism Economic Report". Madri, Espanha, 1998.

_____. "Datos esenciales". Espanha, Madri, diversos anos.

_____. "Estudio económico del turismo mundial". Madrid, Espanha, 1984.

PALOMO, Manuel Figuerola. *Economía Turística*. Elementos de una teoría económica del turismo y métodos para su análisis cuantitativo. Madrid: IMNASA, 1979.

RABAHY, Wilson Abrahão. "Caderno de estatística de turismo em números" [diversos Artigos]. Revista do SINDETUR — Sindicato das Empresas de Turismo no Estado de São Paulo. São Paulo, anos de 2004 a 2006.

_____. Turismo e desenvolvimento. Estudos econômicos e estatísticos no planejamento. São Paulo, Editora Manole, 2003.